

Paulo Sérgio Rosseto

CITAÇÕES



BULBOS
*di***VERSOS**



PSRosseto

Apresentação de **GEORGIA DA SILVA DIAS**

Nada vinga sem uma boa semente devidamente plantada em solo fértil, ainda que seja joio, a mais propalada daninha que a humanidade, ao menos ocidental, aprendeu a separar do trigo.

Seja qual for a seleta versão de sua natureza, a vida, de alguma maneira explode do bulbo ou nele perpetua sua espécie, gerando vida e se repetindo e refazendo no próprio DNA.

Também a palavra e o pensamento vicejam de alguma idéia num istmo de momento.

BULBOS dIVERSOS concentra em suas páginas essa característica peculiar de seu autor, compondo singulares obras cujos poemas brotaram como se eclodissem das mais delicadas e tenras idéias.

PAULO SÉRGIO ROSSETO nos brinda com esta seleção poética, recolhida dos seus escritos cotidianos ao longo de sua vida literária.

É, portanto, um privilégio a todos nós leitores ter em mãos mais este presente obtido com esmero pela ótica poética e crítica de seu próprio compositor.

Que doce ousadia esta cometida por Rosseto.

Que nasçam mais valorosos escritos e iniciativas dessa natureza de puro encantamento!

BULBOS
di **Versos**

PAULO SÉRGIO ROSSETO

BULBOS

di Versos



PSRosseto

Porto Seguro, BA - 2021

Copyright © **PSRosseto**, 2021
Conteúdo, Capa, Organização e Edição

Título: **BULBOS *di*VERSOS**

Subtítulo: Citações

Formato: Papel Pólen

Veiculação: Físico

ISBN: 978-65-00-22624-9



Para o meu pai PAULO

*Ainda hoje continuo pela mesma estrada
Nessa íntima viagem que me atravessa a vida*

APRESENTAÇÃO

Escritor de poesia é antes de tudo uma pessoa corajosa, pois há que ser valente para desnudar a alma e colocar-se assim, transparente, frente ao outro que lê.

Então, com muita sensibilidade o autor se pôs a ressignificar sua obra, e dali na diversidade de tantos bulbos, fez surgir o novo como numa colcha de retalhos, em que cuidadosamente se lapida os pequenos pedaços de pano, afim de que ganhem nova vida, novo uso, novo gosto.

Os retalhos na colcha e os versos neste livro, se encaixam como se nunca tivessem vivido apartados, e a graça está aí: em perceber a sutileza do encaixe daquilo que originariamente, se encontrava separado.

Em tempos de tanta aspereza, em que o encantamento já não nos visita com frequência, os versos colhidos da obra cultivada por uma vida inteira arrebatam a mente, aquecem o coração e como na colcha de retalhos amiúde, nos leva para um lugar de paz, aconchego e regozijo.

E eu, celebrando a genialidade do meu amigo, ousou aqui misturar dois dos versos que me encantaram, mudando carinhosamente de lugar os retalhos da colcha.

*Se o cotidiano causa-te melancolia
Repense tua trajetória
O que fazes dia a dia.*

*

*Brindemos pois com nobres vinhos
Nos mais refinados cristais
Os carinhos e as dádivas que tornam possíveis
Nossos sonhos e vontades reais*

Boa leitura!

Georgia da Silva Dias

A RAZÃO DE UM POEMA

Sempre haverá um ou mais versos que consideramos a real razão de um poema.

Com o advento das redes sociais, buscamos evidenciar esses motes, essas frases de efeito, essas considerações principais – ou mensagens, como se queira. Até porque determinadas plataformas não permitem mostrar longos textos, e sim frases sucintas e precisas, ficando o poema em si para o papel ou e-books.

Pois bem, dessa brincadeira de releitura nasceu **BULBOS *di*VERSOS**, que nada mais é senão uma coletânea geral de singelas **CITAÇÕES**, pelas quais tenho especial apreço desde que as compus.

Compilei, então, dos livros até então publicados, aquilo que de certa maneira, ganha maior significância em cada Poema, sendo que muitas destas observações vieram dos comentários realizados por leitores e seguidores que se manifestam a cada publicação realizada. O que torna ainda mais enriquecedora essa experiência, e aos quais sou deveras grato pelo precioso *feedback*.

Teria muito mais, porém seguirá para uma próxima edição, pois esta como está, já se torna bastante completa.

Viva a Poesia, vivo Poesia!

Paulo Sérgio Rosseto, Maio de 2021.

Olhos teus
Por onde meu olhar resvala
Furtivamente rio despretenso
Ousadamente tímido
E de soslaio



Não fossem os hematomas
Não haveria tanta gana
Esqueceríamos fácil da necessidade de lutar



Como se me ouvisses dizer: te amo
Gozarás ao chamar meu nome



Se o cotidiano causa-te melancolia
Repense tua trajetória
O que fazes dia a dia



Encontro precioso sentido
Em todo gesto em cada regra
E o mundo a mim jamais se nega



Preciso apenas de silêncio
Este sim me envenena



Em alto mar está meu amor próprio
Consolando as gotas que evaporam
E se perdem mansas no curvilíneo horizonte



Ainda não sei
Contar longas histórias.
Só lorotas



Morrer não é mau
Se a vida não parasse
Eu nem partia
Amanhã a tarde intensa
Poderia predizer-se ainda mais bela
Desde que eu a olhasse pelos olhos da poesia



Ensina-me a não estar afoito
Diante da tua beleza



Quisera que teus dedos procurassem por mim
Como escrevessem poemas na face dos lábios



Contento-me em pensar que me sonhas



Precisasse falar diria
Como não preciso calo
Porque sei que minhas mentiras
Nem mesmo eu as ouviria



Admito que não haveria momento
Se a vida um dia deixasse de ser
Tão docemente incômoda. Lamento!



Enquanto isso vou cuidando de mim o quanto posso
Porque bem sei do pouco tempo que ainda tenho
E da chance de sobrevida que me resta



Sigo assim solitário em ti recitando a loucura



Sou eu agente dessa massa que se orgulha e se ampara
Se te envergonhas não seja de mim ou da raça
E sim da oculta imagem que te reflete no espelho
Pois a terra que é tua é o lugar que me abraça

Ai de quem não se abre para horizontes
Não sente o bailar dos ventos
O fim que me espera nos braços da determinação
É o que me sustenta inquieto sobre a terra

E se minha presença inquieta
Reze o terço e toda ladainha
Abra o leque se abane sozinha
Depois vê se me esquece

Igual fez Deus outrora incendiando astros
Para espalhar estrelas
Simples assim como fazer poesias

Aos olhos do amor
Todos e tudo
Tornam-se absoluto e importante



Eu sou a guia que se serve da cegueira fria
Dentre vocábulos antológicos de um dicionário
E tu meus dedos que te reescrevem candeeiros



Quando penso em ti escrevo poemas
E os leio em êxtase ao imaginar-te



Atrevo-me assim a traduzir-te
Através do universo da estrofe
O que te alegra ou comove



Dentre as coisas tão certas e vivas da alma
Está o veneno do pensamento instigante



O amor é o todo
Somos apenas versões
Das suas fartas maneiras
Se minha amada é essa minha singular cantiga
Sou eu a sua valsa



Enquanto isso a noite morre o dia



Fortes são as sombras
Que assopram e assombram
Irrealidades coadas sobre todos nós



Somente o amor perambulará preso pelas ruas
Em vigília aos pasmos amantes
Soltos em casa



Os anos sucessivamente virão visitá-lo
Um a um, na fria sucessão dos dias



A cada reinício de caminhada
Percebo tacitamente
Como os meus pés tornaram-se íntimos
De certos chãos das estradas



Enfim percebo já um tanto abastado
Que o prêmio muito além da procura
Em cada trilha foi haver te encontrado



O tempo matura a idade e até nos faz perder forças
Jamais as ilusões por isso nos põem mais sábios



Bem sei que lá fora há riscos evidentes
Porém a ânsia do noturno fascina e clama



Concluo que tais momentâneos brilhos
Centelhas faíscas cintilações
Provém todos dos lampejos
Do desejo de beijos dos lábios teus!



Encontre
Pois perto de ti
Sempre poderá haver uma espera
À tua procura



É engraçada a vida de quem se engraça



Nessa bagunça da raça humana chamada paixão
A gente se arrisca e rabisca e enovela nos lapsos
Muito além do que possa parecer preciso



O que fez o tempo com as nossas vozes
Por vezes fez das vozes a plataforma
Das cores em que nos modelara a vida



Ouço-te nos prováveis silêncios
Me encontras nas plausíveis loucuras



Que saudade de quando mentias
Insinuantes e disfarçados caprichos
Expressões e segredos sem máscaras



Não carrego a tristeza das cidades
Mas sinto o que se sofre

Idade venero tua algazarra nesse turbilhão velado
Cumprindo a caminhada que me segue e assegura

Nem mesmo você acredita
Que junto à tua boca
Vontade olhar e mente
Você inteira me chama
Assim fazem nossas meninhas
Dos olhos quando se cruzam

Ah mestre então permaneceréi
Aprendendo sempre
Do que ainda tão pouco sei

Eu loucamente quando choro revolvo oceanos
Com a futilidade dos meus desenganos e paixões



Ainda hoje continuo pela mesma estrada
Nessa íntima viagem que me atravessa a vida



O mundo pode ser perverso
Mas o acaso da comunhão
Torna a vida mais perfeita



Minha boca pede beijo e rodeia e beija e passeia
Por onde sabe que você pede espera e anseia



Minha casa de palavras é transparente



Meu ofício está na insistente feitura
Daquilo que o ócio e o amor chamam poesia



Tudo o que deixa de ser azul
Torna-me metade
Procurando em ti algo que
Complete minha outra parte



Eu existo. Meu Deus como sou feliz!!!



Sempre há motivo e lugar
Aguardando uma nova atitude
Mude



Mas que importam as avarezas desse mundo perverso
E incerto
Se plenamente completas meu verso!



Nem ponte nem margem nem praia nem pedra
Sou apenas fonte onde a água medra



Não sou de juras e sim loucuras



Flagro-me incessantemente declamando
Por setenta vezes sete
As letras nuas do seu nome



Depois volto e é bom voltar
Porque há quem me aguarda



Meu barco solto de amarras
Segue sereno na valsa das ondas
Para o meio do imenso mar



Na verdade as incertezas evidenciam que
Estamos sim carentes de generosidade



Não conheço deserto exceto o da alma



A vida é feita sobre a soma de palavras
Igualzinho a um poema
Mesmo muito breve



Ninguém busca um poema perfeito
Nem quem o lê nem quem o faz
De resto nada mais é importante
Exceto a delicada e sinuosa opção
Incontestável de poder amar



Choro tuas idas revoltas
Mas recolho as tuas voltas
Repletas de canção



Embora eu saia e vá embora
Sabes que somos mais que cacos de espelho
Ou pontiagudos vidros estilhaçados



Sou a mesma medida que o tempo me deve
Porem muito aquém das boas chances que tive



No país onde moro
Tudo é incrivelmente notório:
Todos choram de alegria



Ainda que esfurem os amores
Ficam as boas ou más lembranças
Coladas pelas esperas



Desconheço qualquer tecido que aqueça
Mais que a força do viço selvagem do cio



Santa cidade
Tenho medo e pena
Da falsa piedade plena que distribuis



Quisera
Enxergássemos ainda que febris desastres
Por vieses e enroscos
A fugaz serenidade face a face



Depois de ser todo pouco importa ser parte
Se não estiver nua e transparente e repleta
Nada será arte



Eu me preparo para escrever algo novo como quem
arruma as malas para a próxima viagem



Nosso humano muro
Foi construído de argila
Mel chouriço apupo
E ar puro



Enquanto ainda penso que virá
Bem sabes que passei



Somos todos imperfeição de conceitos



Do que sei guardo com a alma
Se desconheço estudo e se descubro
Cubro com o manto do segredo



Poucos veem o que fazem
Esses homens de terno



Tua anônima poesia
Abrasou meus lábios
Ao provar do sal da tua lágrima



Ainda que seja eu indigente
E não comungue dessa hóstia
Prossigo forte país feliz altaneiro
– Sou eu povo tua pátria



Nunca mais somos todos tão santos
Quanto absurdamente animais



Sou essa incólume presença
Porque trago a teimosia resoluta dos amanhãs



Não há morte encomendada
Tudo é normal
Como qualquer ato cedente



Passei lindos dias esperando na porta
O vendedor de picolés



Morremos todos por azar ou prazer
Ainda que não aceitemos ser preciso morrer



Lastime somente se perder o compasso
De resto é sorte que se rende ao acaso



Quando convencidos enxergamos esbaforidos
Que todas as verdades obscuras mentem



Ninguém procura verdades pelo tosco prazer de sofrer



Jamais constranja o destino
Deixe o impreciso acontecer



Pois tudo se acha
Se encontra ou também pode se perder



A poesia não é cruel
Apenas se farta imprópria
Das simples ausências



Encontre as tuas próprias águas
Aquelas que sejam dignas de formar teu rio



A vida é a viagem
Que fazemos refazendo como simples
Operários da divina natureza



Viver é uma farsa em duas vértices
Ou vai-se à frente ou perde-se o passo



Não atrapalhemos portanto Deus
Com as impurezas que nossa indignidade
Não consegue resolver



A boca molha e clama ardentemente
Pela outra boca



Quando puder redesenhe os caminhos andados
Sem necessariamente trilha-los de novo



Viver é conseguir ser totalmente irreal



Pois não tenho outro vício senão este
De desprender meus versos como se despega um filho



Troco um ano por um dia
Desde que possa ser intenso



Teus silenciosos olhos
Na verdade
São donos de mim



Repartir a música é viver a arte
De ser amigo



A vida sem ousadias
Por vezes fica ilegítima e sem graça



Impossível tentar entender
Porque cuidas assim de mim



Quando tudo isso passar pela cidade
Riremos incomodados da paz que essa guerra de folia
Por alguns inconsequentes e deliciosos dias
Conseguiu nos dar



Bem-vindo bendito
Amigo a esta terra crua
Aonde nos divertimos
Brincando de crescer
No balanço das manhãs



Para o meu coração
Quero apenas o teu



A minha casa é de pedra incólume e bruta
Plantada sobre sólidos e poderosos alicerces da lida
Mas despreparada à suave nudez de uma brisa



Se morrermos de amor
Viveremos amando
Amados para sempre



Dentro da casa as paredes são mais ousadas
Têm sentimentos



Creio que o tempo se alimentara de nós juntos



Se quiseres senti-la
Deixe que o mar te encontre



Após a viagem
Sobram sempre certos
Restos da passagem



Não envelheço
Apenas passo

Cada abraço é uma prece
Onde amar acontece

Saudade é mesmo assim
Transborda explode
Arrebenta o embornal
Agiganta e dói feito peia

Este céu ainda que amanhã tenha as mesmas cores
Carregará novas nuvens por ventos diversos

Vêm os ventos ou se calam
Continuo velejando
Esses males não me abalam

Sei de cor as palavras
Que gostas de ouvir de minha boca



Penso pois pensar permite
Tê-la assim pelos meus sonhos



Amar é o maior dom da vida
Porem perder-se no cego amor é uma merda



Pergunto
Somente porque
Sempre haverá perguntas



Quando significar
Permita acontecer



As rosas não são iguais
Não por não serem todas rosas

Meu querer quando parte
Sempre me reparte ao meio

Procura
Pois perto de ti
Sempre poderá haver um encontro
À tua espera

Quisera atirar nesse oceano toneladas de poemas
E vê-los manchando as encostas
Escritos nas areias meladas de poesia

Sim somos física matéria
Mas sobretudo alma

Ontem a poesia
Esqueceu a minha porta



Era tarde e ela nem sentia
Que o poema no fundo da noite ardia



Olhar tantos olhos é o que mais vejo
Porque perdidos estão os meus
Que nunca te encontram



Dormiremos livres nas páginas de algum livro
Sob os olhos entre as mãos de algum menino



Já não sei mais em qual planeta vivo
Para onde irei ou venho
Apenas sei que te componho



Somos contraponto
Entre o ébrio e o equilíbrio

Mas se o sono faltar
Dê-se ao direito
Do devaneio

E se recolhido percorro meu deserto árduo
Completo minhas buscas justamente por ser puro
O anjo menino que ainda se recolhe em mim

É quando de acordo acordo
Rebuscando todas as verdades desditas
Por meias palavras

Por uma cama destas
A gente se deita e abre a estrada

Sou dessa aquarela a origem da nação
Miscigenados nos tornamos brasileiros



Morda a língua
Antes que esta te lamba
Sem indulgências



Meu poema quando pousa
Diz verdades
Faz balbúrdia



A vida só nos quer ávidos no esboço
Do viço de ser simples para ser plena
Sem a indumentária áurea de ser santos



Preciso ir contigo
A qualquer lugar que nos caiba



Preciso urgente de uma oração e duas cervejas geladas



Andarei a eternidade
Indecifrável à tua procura



Mínimo sou só um pensamento que te agita



Inverso de todo passarinho
Minhas penas pesam por dentro



Sou mercador de sentimentos
Por onde intransponível a insensatez escorre



Encontra-me nos arquivos do teu coração
Onde de certa maneira passei



Existem dias tão semelhantes
Que até parecem já terem sido vividos



O cotidiano é a soma de esperas
Expectando acertos
Mas quem não erra?



Quem dividiu os lados
Esqueceu-se de desligar os rabichos
Dos rabiscos sujos da guerra



Quisera medir o desconforto da tristeza
Mas desconheço a unidade mais exata



Creio-te humano Deus
Muito além do tanto quanto posso
Muito além do quanto tanto sinto

Tua pista iluminada guarda meu pouso
E cego mergulho certo de que me aguarda
A façanha incontestada de em ti descer

Eu passaria novamente pelos mesmos caminhos
Inclusive repetindo todas as curvas que dobrei

Volto sempre ao começo
E te repito e recomeço

Recorrente vertigem
De estar tão perto
E ausente

Acredito ser possível
Consumir entre remendos
A rotina que me entedia



Falo de ti poesia
A quem possa escutar minha fala



Ser ou não feliz não é mais escolha
Apenas resultado de absoluta renúncia
Pela arte



Falta-me agora destrancar portas e janelas
Reavivar os ares e repensar você



Passamos a vida
Tão intensamente colados
Que nem precisamos estar juntos
Para nos sentirmos mais pertos
 Completos
 Refletidos
 Tocados
 Repletos

Tanto vaguei pela beira do cais
Que em minha veia corre água salgada

A menor partícula resistente
Reside no momento
Num hiato entre os dentes!

O sentido é um só
Ou para ali ou para lá

Certas histórias precisam ser contadas
Outras simplesmente vividas



Para onde irá tua alma?
A minha permanecerá



Dormirei por séculos entre os pecados cometidos
E os deslizes perdoados pela mera bondade do acaso



A missão cumprida e finda a jornada em seu jardim
Descansou por sete dias em sono profundo
Num belo domingo como humano e não Deus



A sentença das Cidades
Ainda converge
Para o interior de cada interior



Minha cidade tem apenas alamedas
Eu quem tenho medos



Certa vez escondi meus versos
Dentro de um pote de geleias
Estão agora sobre a mesa
Sirvo-os livres sobre o pão da vida
Saboreie



Segui pois companheiro
Não nem nunca solitário
Mas em tua única e serena companhia!



Minha alma tem inúmeras samambaias
Espaçosas pelo chão



A fraternidade sobrepõe-se
Porque se refaz e renasce
Onde o amor prevalece



A maior intenção de qualquer poema
É tocar tua mente com a maestria de uma orquestra
Ou depositar nos teus lábios um desprezioso beijo



De todos os poemas
Escolhe o mais arteiro e atrevido
Aquele que melhor te despertar a libido



Não gosto de fazer poemas que remetam à morte
Porque detesto que os meus amigos lembrem-se
Que um dia também poderão morrer



Na minha hora em que sozinho partir
Sairei à francesa em silêncio enquanto festejam
Para que ninguém note minha dor por ir sem querer
Partirei calado sem ninguém saber



Nada se faz mais tosco sobre a terra
Senão a incerteza da espera
Ante a ciência da humana miséria



Meu poema a notara
Ardendo-se em chuvas
Seminua de alegria



Então se olharam pelo avesso certa feita
E não mais viram defeitos nem distâncias
Onde hoje o amor não mais se deita



Ah incontrolável sonho
De reformular!



Ao poeta apenas cabe o exercício da escrita
Nos poros da alma suada
De alguém que o leia ou declame



Assim surgem os dias
Que contamos com as cigarras
Depois do cantar



A máxima da vida é seguir sempre avante



Desejo. Mas simplesmente desejar
Que gosto tem além e após o almejo?



A vida ensinou-me a crer
No salgado milagre da lágrima

Achamos que o envelhecer amarrota as camas
Mas na verdade revive as fibras e o ideal

Nada mais me espanta nem entedia
O que me resta é rir dessa comédia

Toda sombra passeia
Debaixo de lado de costas.
Vive comigo de ameia

Morrer dói somente uma vez
Viver sim seria muito mais sofrido

Permita ao rio
Que administre e cuide seu próprio curso.



O bom espírito não precisa ser tão sério
E sim gigante



Somos rios
De vontades enrustidas ou afloradas



Olhando os teus rabiscos sinto sede
Sonhando teus riscados tenho medo



Tornamo-nos generosos íntimos prósperos e próximos
Tão comuns como apropriados são os doces sentimentos
Então descobri que a amara desde o primeiro momento



Todo dia ando
Perdidamente em busca de mim



Então parece que Deus foi cuidar dos outros
Daqueles que moram além da minha rua
E dos meus muros



Certamente Guaraçaí não cabe em apenas um poema



E se nada desse
Um suave beijo desses
Me arrefece



Pelas asas que não tenho voo e vou



Que este incondicional amor me siga
Em sua interativa sustentação
Mas não me cegue



Para que lamento então
Se estar no mundo num repente
É tão bonito e justo?



Sei que ser poeta é estar só entre escolhas



Sou essa releitura misturada de aprendiz
Brincando sério com amores aparentes
Inconformado das escolhas como amante



Enquanto ela em mim irrequieta
Friamente se recosta e dorme
Alenta meu viver de poeta



Fazer amor contigo
É sorver velhos vinhos
Enquanto escondidos anseiam
Quando revelados embriagam
Se provados incendeiam

A minha mão meu bem cheia de viço
Tão nua e certa é a tua namorada

Ensinei minhas mãos teimosas a pouco se verem

Independente de onde meus pés andem
As minhas mãos precisam ser lidas
Por minha vida cigana
Enquanto isso folheiam livros e escrevem historias

Toda vez que perco o horizonte
Creio haver um mar a minha frente

Desmedida e mensurada terra molhada
Assim é teu cheiro amada



Teu beijo é sol de fogo
E me consome impunemente



Eu me encanto quando ouço
Todo tipo de canto



Carregamos o tempo e ele nos leva
Deixa que a poesia te faça lembrar de mim
Não espera outro dia amanhecer sem fim



Longa estrada essa torta



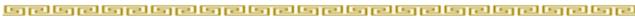
Quando as mãos se alcançam
A gente abraça a alma



Não finjas que a beleza está
Somente onde há luz iluminando-a



Santifique teu presente
Fartando-te das tuas verdades



Porque da alma o que soçobra
É só o que o remédio não cura



Desde esse dia todo amor desavisado
Que assusta desviaja e nem desafia
Fechando as paralelas descarrila



Era eu menino
E moravam caudalosos rios à minha frente



Envelhecem os olhos mas as valsas ainda sonham-te



Fui ao futuro aprender como se morre
Porque da vida tudo já sei



Deito-me agarrado a esse meu último poema
E caso não consiga acordar para escrever o próximo
Terá sido por certa causa desse derradeiro sono



Preciso a sombra da árvore
Como quem deseja um abraço



Um fim de tarde acontece todo dia
Mas nunca se dá sozinho e sem alarde



Acostumara olhar para o outro lado do entardecer.
Sempre passava a minha infância de vigia
No laborioso ofício de acender a lua quando ela vinha



E cada um seguiu para um lado da rua



Carrego eu um mar maior que todos



As minhas mãos tem luvas
Assim posso tocar despreocupado
Em tuas feridas



Ainda tem um pouco mais de hoje
Antes que a manhã volte e amanheça



Estou ensaiando escrever as minhas memórias
Mas lembro-me tão pouco de tudo



Estou prestes
A me sentir um tolo



As boas palavras harmonizam o silêncio e o discurso
De quem fala de quem ouve descreve e as soletra
De si mesmas sequer uma só letra



São únicas as nossas vontades apesar de diversas



Ainda hoje plantamos utopia
E repartimos os brinquedos de fazer bem
Enquanto os sonhos de infância por complacência
Permitirem



Vá mas volte
Para que te complete
E me torne repleta
Como antes



Incrível também como as roupas
Tornaram-se outrora muito mais nobres
Livres de seus corpos estiradas nos varais



Aprendi que nada há de mais insensato que a fartura



Antes de me beijarem a boca eu já lhe fazia versos



O poema nasce de ligeira agonia
Principalmente à noite
Todo melado de poesia



Sou eu afeito de trovões e ventanias da montanha



Amar é todo esse exercício
Explicito de exuberância efêmera



Aprendi a caminhar por isso chego
E pouco importa o que carrego
Se coragem ou medo



Nós continuamos iludidos
Robustos de carne e vidro



Nenhum mal me aguarda
Se morrer será unicamente
Na irrestrita medida
Do vasto amor que me espera



Viajamos sempre indo embora
No vai e vem dos momentos



A virtualidade é esse refletor matiz
Distinto destino da contemplação
Entre a saturação mera
E a realidade do que quisera e fez



Voei ganhando os céus
Sob olhares e beijos de adeus



Na verdade vivo testando teu orgulho de brasilidade
Amanhã aniversário
Viva a liberdade



Volta e me conta porque tão de repente fostes



A morte e a vida colidem seus rumos
Tão prontas quanto se beijam



Assim refaz-se o jogo
E assim renova-se a vida
E eu me fazendo de sonso
Ziguezagueio entre todos
Empurrando com a barriga



Então na natureza do raio se vê os olhos de Deus
Acendendo a luz da consciência por resposta



Nem só o homem tem direito ao alimento e à vida
Vive-se muito bem no interior do mar



Tudo é tão simples
Livre e de invejável nitidez como se dissesse
Calma
Felicidade é só um fim de tarde olhando o mar



Aparentemente a demora aborrece
Porém viajar nas horas é isso



Eram tão poucas vozes nobres para escutar
Que pudemos entender a fala dos dragões



Canto assim na solidão do meu canto
Somente porque gosto de toda canção
E eu mesmo de mim sou meu fã



De repente minha boca anseia
Conversar com tua pele



Perguntou-me a cadeirinha
Com sorrisinho cismado
- Ei, cadê meu menininho?
- Ah, está brincando ali
Do outro lado



A cova que cavo pá a pá
Abre uma brecha no mundo



A ternura fez de mim
Poliglota destas letras
Assim me tornei poeta

A dor mais desnecessária
É a da hora da morte
As demais ensinam a viver

Ensina-me então a solidão de ser deus
Para que consiga ser menos radical
E talvez mais humano

Se não é trabalho será falso, senão ócio

Se por um olho não vejo, enxergo com a alma

Mas ela a minha sombra não é meu lado ruim
E sim o retrato oposto à luz que me alumia
Que nem ofusca enaltece ou contradiz



Viver é certo
Mas que importa se estamos presos ainda que
Acorrentados vivificando as diabruras de uma loucura



Longe ou perto de mim
Encontro-te em qualquer lugar



Enquanto acredito que te acho
Distancias da loucura que me esconde



Somente as palavras – estas sim desemperram a trava
Destravam destrancam quebram se preciso for
Todos os elos por mais ignóbeis possam estar



Tudo é feito da mistura intrusa
Da generosa dádiva e causa
Da natureza das coisas



Enquanto a idade anseia
A vida semeia o solo
E a gente floresce e passa



Brinquei assim por toda uma vida
Deixando os espelhos mais belos
Os rostos mais leves talhando
Amiúde a poesia das idades



Agora de madrugada
Com ela me deito
É a poesia do momento!



Estamos todos à procura da hora certa
E nunca a achamos, mesmo estando despertos
Em constante sentinela



O que começa e a qualquer tempo passa
Nem tudo que dilacera morre, apenas cessa



Estou tão desacostumado de olhar horizontes
Que é como se estivesse desaprendendo de navegar



Há noites que a fronha
Desentende-se com meu rosto



Recolhi os pedaços de inverno
Que ainda restavam congelados
E fiz a minha própria primavera



Nossas raízes teimosas
Permanecem ávidas por uma chance
Até a última hora



Mordemos os dias e a vida nos morde
Se não cuidamos
Viver fica pra logo mais tarde



Renovamos o tempo cientes que a estrada
É a mesma o que turva é a visão do farol



Dormimos assim
Sempre vigiados viajamos
Subindo e descendo
Os degraus de uma escada
Por entre os caminhos
Do nada



Mas virão também incertos dias
Que passarão ardendo



São cidades sem estrelas
Sem portas e janelas
Onde as ruas desconhecem as esquinas



Enquanto lamentam ausência de luz
Sigo de olhos fechados instintivo como um furacão
Seguro em suas mãos



Apesar da serenidade aparente
Que o momento nos impõe como meta
Suplanta tuas agonias
Supera tuas próprias dores
Enfrenta as tuas mazelas



Cru ou verdadeiramente artístico
Somos o engano da aparência



A vida criou-me dentro das salas
Mas os meus olhos sempre passearam pelas campinas
No perfume das sombras das tardes



Quanto a mim
Pseudo autor de torpes versos e pobre verve
Peço-vos perdão por ousada e displicentemente
Haver me propalado poeta



Esse sabor levemente doce
Que desprende dos teus olhos
Vem do teu beijar



Tu me beijas com o adocicado olhar
Para que claramente
Absorva teu beijo sem precisar tocar
A textura do teu hálito



Em meio à miséria e à discórdia
Entendemos que o mundo
É apenas uma pausa ausente de casa



Tudo é perfeito inclusive as falhas
Das enormes e densas e espessas lacunas
E nas quintas de nossas loucuras



Quanto mais longe pude ir
E por haver chegado e nem ter saído
Dei-me conta ter voltado



Tudo enfim consumado
Não porque me quis concluído
Somente ao meu tempo ajustado

O que alenta é que há sementes
Maneiras que refazem da dura sina
A vida brotar intensa e nos lembrar
Que a morte mata não extermina

Eu rio como quem sorri um mar

Diante de ti tudo se aclara
E por ser clara e calma e evidente encanta
Tanto que torna minha poesia rara

Amar a qualquer tempo
Vicia os amantes

Toda a riqueza do amor existe na abundância
Amemos incondicionalmente



Entre os acordes do teu tango
Decorei às cegas simples passos
- Um para cada página que de ti se apossa



Possível seja claro que não tenha eu tanto amado a todos
O quanto me amaram sem cobrar reciprocidade
Em nada



Dá-me alucinada seu folego sua maldade
Faça-se em mim
Assim assim



Um último gole me persegue
No copo transparente das intenções



Melhor dormir antes que a tarde finde
Senão endoia a palavra
E nada mais me controla



Tenho tido a mania de compor
Lapidadas canções
Para o vento cantar
Lá pelos mares da lua



Não é porque caminhas vago sobre as águas
Que um dia nelas não possas mergulhar



Apesar de anedejo
Caminho em círculos
Por meu próprio brejo



Quanta bobagem há debaixo das plumas
Desse pavão apavorado



Amo-te assim secreta e cegamente
Nesse particular e delicado apego



Agora cerro o pulso e toco leve seu punho
São novas formas de expressão mais consentidas
E as nossas mãos unem a seu modo as nossas almas



Aquela saudade
Não tinha coração
Por isso era assim
Tão gostosa de matar



Renuncio portanto em pedir o perdão da palavra
Por tudo o que diz aquilo que propositalmente
Eu não quis falar



As almas carreando a luz do verão
Sorriem sucintas festejadas
Entrecortadas entre frutos maduros



Sozinha a chama contínua
Continua ardente



Em meio a essa guerra de palavras vãs
Usa tua arma de bem para modelar as lutas



Terás a nítida certeza
De que o acaso aprisione ou porventura
Se agregue à tua sobriedade



Não tem medo
A morte é só o arremedo da vida



De toda maneira
Arrepiar de amor é coisa bela



Sou esse serviçal catador de folhas
Rastelando entre sílabas secas e versos soltos
Atrás do tempo enquanto me resta a sede
De versejar a vida feita de escolhas verdes



Porque em setembro terás tanta fartura
Que esquecerás de mim teu menino arteiro



Todos os dias são repletos de sandices
Haverá um tempo em que aceitaremos as tolices



E se nunca a tivera como posso perde-la?



Danem-se fatos e mundo
Disfarço essa tristeza
Saio à tua procura
Até o ultimo instante



Meu boi inacabado
Podia ter ficado
Ou ido comigo!



Felicidade é o cumprimento
Dos riscos da esperança



Ainda que nos aliemos ao tempo
Esse atrevido insano
No cotidiano se amoita
Impiedosamente de seu espaço
Nos expulsa



Traz tuas doces uvas maduras
Para o nosso vinho evoluir



Te arranjas forte
Acima dos loucos
Dos tolos
Da loucura oca
E seus artefatos



Você deixou meus olhos
Sedentos novamente de olhar os teus



É assim que convivo com a folia
Remexendo as gavetas e caixas
Em que guardamos nossas alegrias



Da beira do mar tão gigante
Que tanto renasce quanto arreбата
Apenas enxergamos a superfície da espécie



Hoje sei que o bastante vivido
Nada fora senão um ilhéu no arquipélago
Das circunstâncias do meu mar de anos



De novo em descanso deu de cara com a lua
Espelhando-se em si de felicidade
Toda melada em risadas descontraída



Nos esquecemos de morrer
De rir largados na chuva
Tão disforme e aguada tornou-se nossa vida



Um beijo é um momento exato
De coragem
Entre o amor e o medo



Brinda com os anjos continua as estripulias
As mesmas que alegravam
Nossos sonhos e dias



Mas se não venho tantas vezes é porque perco
A referência dos rastros para o retorno



O amor me ampara mesmo que eu não saiba ver



Sobre as pedras
Passeiam bons e ímpios
Elas não se incomodam que passem



Ontem uma nuvem boba não se conteve
E derreteu suas vontades
Sobre mim



Senti que tornei seu dia mais feliz
Roei as antenas num furtivo adeus
E voei



Na sumária manhã
Boa parte das pálpebras se abre com o sol
Desperta mesmo quem mantém cerradas as janelas



Nesse dia leve
Nada de mim mais restará poemas
Unicamente a fantasia de que fora um sono breve



É preciso tomar as doses corretamente
Dessa droga que irá cicatrizar
A ausência do amor que deixou de existir



E o belo que há por trás da ideia
Não se conte calado
Mas revela-se



Crê nas verdades que te conto ainda que assuste



Assobia agora qualquer canção
Vai sentir que o sopro da melodia



Apenas disfarça um grito miúdo
Que se não se mata de imediato a sede
Simplesmente amaluquece



Quanta certeza teria eu para estar aqui
Pareço um enorme rio que repousa em seu leito
Afagando um afluente recém-chegado a seu ninho



Doai do que vos farta
Fartai-vos dessa singela alegria
Afiml ainda é manhã e a hora propicia



Quando Cabral
Pisou estas praias
Eu descansava
Num galho de Pau Brasil
E já era um País



O bote de minha vida segue seu curso
Apesar da inconstância e dos temporais



Eu gosto de fazer canções que encantem o dia
Para que toda liberdade sublime e irradie ternura



Ah mas o meu poema é esse canto
Encantado de azul esperando
A melodia nascida na doçura da tua voz



Assim procedo
Com o que me condena
Ou indulta



Um em particular a cada um nem maior nem menos
Nem menor nem aumentado
Cabível dentro das consciências encaixado nas
Expectativas definitivamente pronto



Se te pareço disforme
Olha-me com mais cautela
E se duvidares do que te aconselho
Pergunte de mim ao meu espelho



De repente a morte continue seu laboratório
E se experimente mais em minha espiritualidade
Aprimorando seu ofício em me matar por onde for



Ante ao que sonho e vivencio
Há um abismo de considerações falhas
E é por elas que vivo buscando respostas



desde a manhã cedo até o ocaso do dia
Pelo meio das certezas que a vida se apropria
Eu poeta fecundando orgasmos nasço tolas poesias



Hoje ninguém chora
Estamos protegidos
Da fada da morte
Ainda é outono



Nos vemos ao menos
Nas instâncias inexatas da poesia



A noite que me dei pra mim
Tem somente você e poesia



Não temo novos tempos amedronta-me a mesmice
Ou a involução do meu pensar



Mas o espírito, esse a gente bem poderia
Arquiva-lo translúcido no armário das almas
Onde nenhuma ilusão sequer tem acesso
Exceto a poesia, porque esta é completa



Hoje fui à praia roubar
Alguns clarinhos de sol



Ao coração dê alento
Aos olhos o brilho de outros olhos
Ao tempo alimento para que não desgaste



Deveria existir um controle remoto
Que retornasse os giros da terra



Fico lembrando os momentos belos
Em que o sol brinca acobreado as nuvens
Como faz você com os seus cabelos



Num simples pedaço de pão
Revigora em comunhão
Repartir sacia



Esse corpo que já mal ouve e quase nem fala
Cessará sob a lápide
Somado a qualquer punhado de terra
Mas não diferente do que o amanhã também te espera



Rogai, pois, por mim o perdão dos mundos
E não precise abalroar nenhuma intenção
Exceto a de não querer ser bom enquanto reto
E pródigo com aquilo que não me seja válido
Por ter valido ser correto



Vivendo vamos tomando liberdades
E assim cada vez mais
Deixando de ser livres

Terei a fé dos pescadores
Que destemidos buscam os mares
Enfrentam ondas, tempestades
E tornam seus barcos ao cais

Eu é quem não sei ser sereno
Abrupto riacho e tão pequeno

Um quebra-pedras
Pode mais que os antigos pobres
Que bateram à porta do coração de pedra
Do Doto de carne que hoje é todo pedra
E pó

A mim nada peço exceto que descanse
Para que possa com teu povo lutar por um mundo novo



Na gaveta do criado-mudo
Irrequietos repousam meus poemas
Não são fáceis os momentos que antecedem ao sono



Pensar em ti é andar por jardins floridos



Corro atrás daquilo que preciso aprender
Aprendo bem aquilo que pretendo ensinar



Todo o todo em nós é pragmático infinito



Essa túnica de versos
Que se transmuta em veste
Reveste recobre e deixa toda palavra vaga
E a minha alma muda



Falta-nos tempo – esse
Limado grão intransponível da
Soma de todas as
Horas



Por vezes tornamos envidraçada a janela das escolhas
Tornando ainda mais perigosos os viáveis caminhos



Eis a poesia pronta!
Seria ousadia ou talento?



Brindemos pois com nobres vinhos
Nos mais refinados cristais
Os carinhos e as dádivas que tornam possíveis
Nossos sonhos e vontades reais



Nossos caminhos são crônicas abertas
Em formato de prosa e poemas



Tento fazer poemas
Com as armas que tenho



Intenso enigma vivo que perpetuara
Entre os teus sonhos azuis e os meus



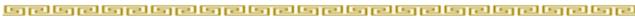
Ando envelhecendo menos a cada estendido dia
Pela expectativa óbvia de ainda não ter vivido



Em todas as línguas presas, gagas ou soltas
Passeia-se pelo céu



A lua recosta a testa na vidraça lisa e fria
E na penumbra abraça meus sonhos com clarinhos



Então se dá esse tempo de absoluta escuridão
Enquanto o planeta gira em seu eixo completo
Conduzindo-nos experientes para um novo clarão



Dancemos enfim largados ou de rosto colado à poesia
Pelos bailes da vida nos requintados salões da saudade



Três – apenas três – Lagoas



Sacode povo
Antes que a terra treme
E nos cubra de lama
E nos envolva
Feito edredom sobre a cama



Quero a flor e a cor da pétala
Cheiro intenso que perfuma a sala
No bulbo do lírio que ainda hiberna



Depois de extinta por completo a humanidade
A miséria e a riqueza reconheceram duas verdades
Que jamais houvera de ambas necessidade
Que a necessidade extirpara pobres e fartos



Rebelde e só
A depressão urbana
É maçã sem perfume



Raramente sei quando durmo
Por onde ando



Te levo assinada
Na alma sobre a linha
Em duas vias
Uma tua
E outra minha



A gente prepara o futuro
Mas ele chega e nos apanha descalços



Meu País tem fome e cisma
Por não comer
Mas jamais vergonha em não partilhar
Tuas insanas farturas



Não recontre pois agora os segredos nem os revele
Cedo demais depois para que não esvaeçam



O desejo
De muita sílica anônima
Seria transformar-se
Em venerável vidro



Seriam ainda azuis os reflexos
Dos meus sonhos
Nos ciscos dos teus olhos



Quando duas línguas se tocam
O mundo de quem deseja o beijo
Torna-se oração perfeita



Tua ausência me propõe alerta à espreita
Mas quando convenço que você não vem
Alicerce nenhum me sustenta



Meus olhos e minha boca
Chegam sempre comigo
A qualquer lugar que vou



Existem coisas que a ninguém jamais contei



Não faz sentido tanta gente ao mesmo tempo fenecer
Deus chora triste e solitário - por mim e por você



Minha fome
Ávida dolorida e áspera
Desconfia de ti desacreditada em mim



Enquanto a gente ama
Sonha-se o quanto possa



Delicie-se com aquilo que mansamente
Acaricia teu ego



E quando estiver assim envolta em pura poesia
Dê-se ao consentimento da eterna delícia



Passemos incólumes pelas diabrurinhas do tempo



Passeemos vivazes pela orla das benesses
Recolhendo as danuras que porventura resultem dores
Certamente estaremos mais leves



Diacho de fome que arde no bucho
Que rebaixa o bicho
Que o torna insano como qualquer homem



O mundo separa-nos entre o farto e a falta
E a alma se despe do corpo se mata



- Qual a certeza de estar vivo?
- Estar lendo este dialoguinho!



Desnecessário negar os disfarces
Quando a paixão se aclara



Que ao matar a fome cumpra-se essa missão
De ser simples ao ser intensa mesmo que dispersa



Algumas sílabas teimosas
Não se deixam tornar poesia



Eu vivo poetando imaginativo
Dentro das tuas pupilas
Esperando que teus lábios desejosos
Me beijem docemente os olhos todos os dias



Despetale tuas rosas
Espalhe-as por toda a casa
Depois contempla tua obra
Entre polens talos folhas
E doces doses de poesia

Agora não importa mais
Nem parque, nem bosque
Nem porto e nem mar
Somente o êxtase do teu jardim
E a doçura do teu cais

Também eu tenho dois momentos
Dois ciclos duas fases
A vida que ficou em minha vida
Ambos feitos de espera-la

É tudo sobre você o que escrevo e sinto
Cada verso e poema desse livro aberto
Desnecessário explicar minha alma feminina
Bem sabes que são todos teus meus versos



Ainda assim sinto-a repleta
Num agradável brinde
Apesar da ausência



Entre um lampejo e outro
Há um universo feito de páginas
Repletas de palavras e espaços
Completas por estrofes e versos



Entre a luz e o lusco-fusco
O breu e o crepúsculo
Mostras-te face a face
Tu te revelas e eu te escuto



Foi quando em tempo
Virei a mesa abandonei o barco
E resolvi mudar de mundo



Sábio é quem se interpõe ao cotidiano
Enfrenta obstáculos e serena ciente
De que mesmo a tristeza o põe elegante



Às uvas à vinha e aos sonhos de Baco
Eu, irrequieto poeta provoco sinto e provo sozinho
Do frescor da lua e sua malícia e final de boca



Façamos chover
Em cada página que nos flutua



Amo te amar
Permanente em estado de poesia



Prostro-me peregrino
Quando redescubro
Quedo à tua divindade
Em tua companhia



Descobri o perfume do teu veludo
A beleza azul que te esconde
Na maciez do teu vestido



A minha alma inquilina
Em outra plataforma de vida
Era tua enamorada



Quero morar sob um teto
Coberto pelos fartos fios
Dos teus cabelos dourados



Às vezes é bem preciso
Compor versos sem contexto
Fazer tudo pelo avesso



A noite baixará a poeira da seara
Seu virgo à espera do plantio
Estará fértil ao fêmeiro



dobro-me
Sempre que meu espírito canta
Ou minha hora chora



Eu sempre fui
Aprendi desde cedo a sair
Doía mas o clamor do destino me aquecia a ida



Já não saio porque os caminhos não me cabem



Os meus olhos se deitam
Sobre tua leve beleza
E dormem o sono daquele que se realiza



Nada é meu nem nosso
E sim passageiro
Por isso durmo meu olhar sereno
E sonho o paraíso
Enquanto posso



Tens a malícia sedenta exposta
Da serena vontade de mergulhar às cegas
Na onda abrupta entre o mar secreto
E a enxurrada arrítmica da vaga nua



Sempre ouvi dizer
Que a noite é dos amantes.
Mas posso amar antes?



Venerável tempo
Eis-me absorto por entre colunas
Descalço
Nem vestido nem nu



Complemento toda a espera
Substituo resolvidas provas
Certamente por mais problemas



Voo até as vossas alças
Aprendendo a ser forte puro e bom
Como devem ser lapidados
Os passageiros desta barca
Esses homens meus irmãos



Ainda que falho todo texto atesta e santifica
Pelos ensaios, as causas, entre letras e tons
Calar-se é prudência, a palavra é dom



Amigo ame tanto a língua quanto a pátria tua
Suficiente que jamais baste



Quem imagina um verso e não o anota
Perde a essência de seu momento



Envolve-me
Ama-me
Ávida de mim
Como estou ávido de ti
Pleno de amor sem fim



Tudo é muito tenso e intenso
Deixe-me quieto com minhas elucubrações
Enquanto degusto equalizando a textura de um doce



Envelhecemos nas mesmas horas
Num mesmo instante renascemos
Somos o tempo que nos transforma



Teus pilares sustentam a ponte
Entre meu coração e a mente



- Eremita por que então te isolas?



Arautos de lâmpadas acesas
Aguardamos que os eternos laços
Os chamem



Todas as vozes que te falam de mim nada dizem



Portanto não ouças de mim
Apenas leia-me o que puder
E terás a fiel noção de teu ser



Tudo é passagem e se esvai na mesma onda
Dilui-se constantemente sem qualquer retrocesso
Ao que venha interpretar ao ler toda palavra escrita



Tentaram mudar o mundo por estar velho



Sem saber se a desejo porque preciso
Ou se preciso porque a quero



Quando a morte é certa e incerta a aurora
Se a veia cansa e sozinha estoura
Já era



Este poema que ao acaso chega
Diante dos olhos teus
Nada é senão mera espuma ilusória



Porque o sentido da palavra é a densidade do infinito
E a ilusão do poeta desse tamanho do mar



Existe dentro da gente
Um canto que às vezes entoa
E em outras emudece



- Ei silencia!
Talvez você consiga
Ouvir sua essência



Somos capins de beira de estrada
Destes que se curvam com os vorazes ventos
Da tua perversa velocidade



Ressurgimos das cinzas cruas que nos alimentam
Revigorando as paisagens da tua jornada



Este céu é o mesmo sobre o campo fértil e o deserto



Coloquei meus poemas em livros
E juntos saímos livres a passeio

E graças às vezes que os escrevo
E você decifra estes meus versos
Torno-me ainda mais fútil e passageiro
E eles ousadamente infinitos

Por isso atrevo a continuar fazendo
Cada poema que faço

Certamente seja esse o segredo do vento
Varrer-se na pedra sem perder-se da nuvem
Inda que não as tenha entre os dedos

Enquanto prosperar qualquer forma de inveja
O amor nos console o choro pelo encanto

Eu tanto disse te amo
porem a tão poucas
que a minha boca passou a omitir
a pronúncia dessa oração



Hoje
todo o meu ser te fala



Então todas as notas curvam-se a estes sons
Que a minha alma orchestra



Pior que renegar seria descrer por completo
Da magnitude indescritível de tua imagem
Por achar-me maior que a própria ordem



Preciso conceber a humildade
Tanto quanto a enxergo em tuas mãos



Que se emprenda a providência divina
Em cada raio que teu sol me irradia



É bom morrer assim, exercitando



Existe uma distância magnífica
Debaixo dos lençóis que te abraçam e recobrem a cama



Vivo na imensidão do uso da poesia
Que se derrama e perpetua pela orla



Por isso sigo as regras dos mortais
Ou seja, vivo entre possíveis rituais
Que me fazem pensar que se penso
Logo sinto e vivo um pouco mais



Meu poema não traz respostas
Apenas faz perguntas



E se provar de todas as fórmulas
E nada servir que amenize
Quero algo que cure o tédio
E cicatrize
A falta que você me faz agora



Hoje passei alguns momentos
Olhando o desenho das tuas mãos



Sigo, por fim, andejo pelos polos de um imã



Agora é o entremeio entre o ontem e o porvir



Estamos sendo feitos de medo
Só não posso desagregar
Da retidão dos teus passos



Tua idade desconhece que a tens



Finge, pode ser bom mentir um sorriso
Omitir um brilho no olhar
Dissimular se fizer menos sofrer



tudo nasce e pela mesma porta morre



Não deixarei de viver
Simplesmente porque a morte
Insiste em roubar-me os anos



O único cuidado que tomo
É adiantar as escritas
Dos versos iludidos com as penas
Da vida que me é furtada
Mas não dos meus poemas



A natureza da fogueira prenuncia
Entre o sonho, a necessidade e a beleza
Em tudo que o calor da brasa ousar



Minha vontade gostaria de morar
Na rua dos insensatos



Era apenas domingo, ninguém trabalhava



* *Citações* extraídas dos Poemas que compõe 14 Livros:

- *O SOL-DA-DOR DA TERRA*
- *ATO DE POEMA E UMA CANÇÃO*
- *MEMORINHA (POEMAS INFANTIS)*
- *AMOROSIDADE*
- *CRÔNICAS ABERTAS – POEMAS*
- *DOCES DOSES DE POESIA – ALDRAVIAS*
- *ABELHINHA PEQUETELLA*
- *LÁ PELAS TANTAS DA VIDA*
- *POEMAS QUE VOCÊ FEZ PRA MIM (I e II)*
- *FAZENDA HAICAIS*
- *POETA ENTRE COLUNAS*
- *VERSOS DE VIDRO E AREIA*
- *NAS ASAS DAS HORAS*

Contato com o Autor:

@psrosseto

paulosergio.rosseto@gmail.com

www.psrosseto.webnode.com



www.CLUBEDEAUTORES.com.br
(rosseto)



PAULO SÉRGIO ROSSETO é Poeta
Nasceu a 11/04/60, em Guaraçai - SP

Morou em Três Lagoas/MS
Reside em Porto Seguro/BA desde 1987

Membro da ALB - Academia de Letras do Brasil -
Seccional Porto Seguro/Ba
Cadeira nº 18

Membro da AVLPL - Academia Virtual de Letras da
Língua Portuguesa e Literatura
Cadeira nº 38

Patrono: Luiz Gonzaga Pinto da Gama

Livros Publicados:

O SOL DA DOR DA TERRA - 1981
MEMORINHA - POEMAS INFANTIS - 1982
ATO DE POEMA E UMA CANÇÃO - 1984
AMOROSIDADE - 1985
CRÔNICAS ABERTAS - Poemas - 2018 /
DOCES DOSES de POESIA - Aldravias - 2018
VERSOS de VIDRO e AREIA - 2019
POEMAS QUE VOCÊ FEZ PRA MIM - 2019
LÁ PELAS TANTAS DA VIDA - 2019
FAZENDA HAICAIS - 2020
ABELHINHA PEQUETELLA - 2020
POETA ENTRE COLUNAS - 2020
POEMAS QUE VOCÊ FEZ PRA MIM - Vol 2 - 2020
NAS ASAS DAS HORAS - 2020
BULBOS *d*IVERSOS - 2021

www.psrosseto.webnode.com - BLOG do autor



PAULO SÉRGIO é um dos mais talentosos e profícuos poetas que conheço. Com catorze livros publicados, seus textos transitam com fluidez pelos sentimentos humanos com naturalidade e leveza.

No atual momento de trevas em que uma sombria e ameaçadora nuvem paira sobre a humanidade, a bela seleção de poemas do seu novo livro eivada de lirismo, otimismo e crença no amor, é um alento e refrigerio para nossa alma.

*Cícero Sena, Membro da ALB
Academia de Letras de Porto Seguro e Bahia*